

CAMPINOS

por Alves Redol

DO Ribatejo variegado e laborioso, colmeia vasta de contrastes fundos, é a campina o pedaço mais característico, feição acentuada da Golegã ao Mar da Palha, que o afago do Tejo, sua riqueza maior, fez baptizar de Borda de Água.

E de toda a grei ribatejana moirando nas imensidões planas—celestros úberes de trigos e favas, arozes e alpistas—, é o campino, o mais perfeito tipo dos seus habitantes, pelo traço inconfundível da sua indumentária colorida, bela entre a exuberância dos trajes portugueses, e pela rudeza e valentia da sua faina, envolvida das lendas galhardas da nossa cavalaria de antanho.

O campino é o símbolo do Ribatejo, em toda a gama dos seus atributos e defeitos—ora orgulhoso ora humilde no trato, sempre bravo na luta com o toiro, mas tímido perante os homens, respeitando o patrão até à idolatria numa ancestralidade do servo da gleba,—silencioso pela mudez da estepe e pela condição atroz da sua vida de perigos e misérias, amassada em amarguras e desalentos,— comunicativo se a concertina arfa e há moçoila para marcar dança de roda ou rival para bater fandango.

Desempenado, garboso, cinta flétil, braços longos e mãos robustas sobre as ancas, num jeito comum de repouso, perna fina e arqueada, como a cavalgar o espaço, tez ruiva ou morena, a definir sangue germânico ou árabe, vive sobre o cavalo, ora sentinela espedada de olho aceso de lume na guarda das manadas, ora cortando a planície na sua faca nervosa de crina longa, em perseguição de animal fugido, e em apartação ou derriba.

Irmão do beduim dos desertos arenosos e do vaqueiro das pampas argentinas, domina também na solidão das pradarias que os moirões dividem, ágil como eles na arte de cavalgar, selvagem como os animais que vigia, mas de um trato agradável, pela bondade e franqueza, contrastando com a hostilidade agressiva do primeiro, e a ufanía brigona do segundo.

Mal titubeia, quantas vezes ainda de colo, gárrulo, espertito, recebe a benção da lezíria, na poisada, onde à noite o pai volta alimentado de vegetais e perigos.

Seus brinquedos primeiros, e únicos, são a tourinha, a cana—vara ou cavalo—, e o chocalho, com que, em desfilada e aos gritos de desafio, passa a rapaziada em farrapos, numa espera movimentada e poeirenta.

sobre as restevas se o gado é cavalgar, no ganho do pão negro de toda a semana.

Recebe as primeiras divisas—anojeiro. Decora os nomes da manada, monta em pélo, agarrado à cobra, feita por ele de crina e rabo, nas horas vagas, quando o gado tasquinha nos prados; leva-o a matar a sede, e à tarde, transporta as peias com que as águas e poldros se aquietam, não vá algum meter-se às searas, embora o chocalho badale a dar sinal.

Se anda nos toiros, percorre a tapada a consertar moirões e a reforçar arames, pois se a vedação afraca pode algum saltar ao carril e estirpar maltez descuidoso que demande trabalho pelas empostas. E o pai, sempre carinhoso, revendo-se nele, não cessa os ensinamentos.

—Aquele da ponta é o Desertor. Malhado em capirote, todo branco e cabeça negra.

—Malacutão é borralho e negro. É o Ministro.

E conta histórias de toiros célebres, famosos entre a malta de pampilho, pelas suas façanhas de matreiros e sabidos.

—Era um toiro negro de bragas saídas. Andava longe das manadas, a berrarr...

Os anos vão passando. Esqueceu o garoto as brincadeiras e já lhe crescem na tez os pelos fulvos da adolescência. Tem vara para apartação e já derriba. Nas ferras e tentas é famosa a decidida bravura com que domina os bezerros.

E sobe de pósto—roupeiro.

Olham-no as gaibéuas e as carmelas com apetite, vendo-o airoso sobre a água, cintura fina e busto erguido. Os toiros conhecem-lhe a fala; e, à noite, escapa-se da poisada para algum aposento, onde haja rancho com cachopa de olhos trepadores como hera.

Ama sobre os valados, na resteva, entre as searas. É voluntarioso como os novilhos, e atrevido. No rodopiar das «saías», nenhum arrebatada a fêmea com mais ímpeto e vigor. E, a fandangar, pede meças a quem tenha farroncas de ágil e artista. Com o bico do sapato de prateleira, desenha, borda, verseja às raparigas, enquanto o harmonium toca sem cessar. E nas desgarradas deitaram-lhe cantigas.

Rapaz do barrete verde
E carabinha encarnada,
Não deites f'ra cá o olho
Que d'aquí... não levas nada.

Mas leva sempre. E quando volta de Lisboa, da militança, vem mais atrevido ainda, mais galhardo.

Ascende a contra-maioral.

E é vê-lo, então, em dia de festa. Barrete frígido, vermelho e verde, como trigo em Maio. Camisa branca cingida ao glúteo por botões doirados, a alvejar entre o colete rubro, sangue vivo, maculado pelo bordado negro com a marca do patrão. Calção azul-reflexo com botões prateados junto ao joelho, donde nasce a meia bordada, com motivos de flores. Sapatos ferrados, cingidos pela correia das esporas doiradas, a brilharem como estrelas em noite luarenta. Ao ombro, a jaqueta bem talhada, irmão do calção, na cor, tendo à esquerda o crachá da casa que serve—condecoração elevada de Cavaleiro da Ordem do Trabalho.

Na montada esguia, leve como suão, o xairel branco de pele de ovelha e cela mourisca, donde pendem os estribos chapeados com desenhos de fantasia.

Empunha o cetro do seu domínio—o pampilho.

E se à desfilada passa, curvado sobre a cabeça da água, braço erguendo a vara, joelhos fincados, narinas abertas, olhos vivos, na bôca os restos de um grito selvagem de combate, leva com ele, quantos sonhos? quanta miragem?...

De tanta mulher que derriba, uma prende-o. Os filhos surgem. A vida descuidosa, embora sem confortos nem faturas, já não volta. Cada filho que nasce é menos uma codeca. E relembra os anos da meninice ao contemplá-los.

Vai mirguando o avio dos sábados. É maior e dirige todos os trabalhos da manada.

Se a casa é grande, rica de campos e

cabeças, pode subir a chefe supremo dos guardadores—maioral real.

Não há desmama, nem ferra, tenta nem capaço, que não obedeça ao seu mando superior de comandante de operações. Traça planos de luta para enjaular malessos ou amansar toiro na canga; dirige eguariços e tralhoeiros—toda a faina complexa da campinagem.

O frio, o sol e a chuva que os ombros ampararam, em canículas e temporais, começam a sua obra de destruição. Tolle-se-lhe os movimentos, foi-se-lhe o garbo e o ímpeto. Às quedas e as colhidas da mocidade surgem em dores vagas, depois profundas.

O trabalho invalidou-o para o trabalho.

Depois...

Desbarreta-se e curva-se. A mão caçada não segura o pampilho.

E conta a sua história.

Ouro, Joias e Pratas

V Ex.º tem interesse em adquirir uma boa joia ou outro qualquer objecto de ouro ou prata para brinde ou uso próprio?

Não compre noutra casa sem consultar o lindo e colossal sortido e os baixos preços por que se vende a casa.

BARBOSA ESTEVES & C.ª 293 R. da PRATA, 295

As nossas assinantes

Pedimos a todos os nossos assinantes da província, que se encontrem afastados das localidades em que há correio, o obséquio de nos mandarem em estampilhas postais a importância das suas assinaturas. Isto traz vantagens para elles e para nós.

Consultório de O Diabo

P. B. P. Vila Nova de Foscoa.—Sobre Beethoven e particularmente sobre as suas sinfonias há bastante que consultar. É vastíssima a bibliografia beethoveniana. Em «tratados» gerais Beethoven está muito bem tratado em «Histoire de la Musique» de Combarieu, cuja primeira edição vai só até Beethoven, mas que se acha já actualizado mais ou menos. Sobre Beethoven numa maneira geral é muito notável o livro que sobre ele escreveu Romain Rolland e não há muito tempo o político francês Herriot.

Acêrca da sinfonia a melhor obra, porventura a única, é a de Prodhomme «Les Sinfonies de Beethoven» onde também é valioso o prefácio de Eduard Colonne, o grande director e fundador da orquestra da sua designação, que esteve em Lisboa, há uns bons trinta anos.

R. L. Guimarães.—Há na verdade vários pontos interessantes para o estudo de terras portuguesas. Pretende R. L. que lhe cite nomes de autores. Seria demorada tarefa. Há, no entanto, três obras basilares para a investigação acêrca de terras portuguesas. Segundo a cronologia, encontramos em primeiro lugar o «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal, vasta série de volumes onde se dão informações de interesse. Porém este autor, fiando-se em tudo o que lhe foi sugerido, cometeu erros, aliás desculpáveis em trabalhos de tal magnitude. Por outro lado «Portugal Antigo e Moderno» não é rigorosamente uma bibliografia, antes é um dicionário.

No campo puramente bibliográfico, ainda seguindo a cronologia, deve ser citada a obra de Eduardo Augusto da Rocha Dias «Monografias de terras portuguesas». Recentemente a Biblioteca Nacional de Lisboa editou segundo a orientação do dr. Mesquita de Figueiredo, uma bibliografia das terras portuguesas, cujos exemplares se guardam na mesma biblioteca e em outras do Estado. Esta obra é, no assunto, o que se encontra de mais actualizado como bibliografia. Ter

Portugal. A sua consulta é fácil, por isso que as várias povoações, estão agrupadas por províncias.

C. A. N., Coimbra.—Pergunta quais os livros publicados por Gualdino Gomes, «escritor que tem visto citado há muitos anos no jornalismo português, mas de quem até hoje não lhe foi possível conhecer sequer um simples folheto e dando-nos a novidade de ter visto mencionado Gualdino Gomes como secretário de redacção do «Portugal Velho», jornal que se publicou em Lisboa em 1894, informa-nos que naquele jornal não há nenhum artigo assinado por ele.» Respondemos: a obra de Gualdino Gomes, tem sido toda falada e se alguma corre impressa não traz nem a marca nem a assinatura do autor. Antes pelo contrário. Com o nome de Gualdino existe um folheto raríssimo *Bolas de Papel* e é sua a tradução do *Demonio* de Molnar, peça do repertório de Ferreira da Silva. Com Marcelino de Mesquita assinou os três actos e muitos quadros da revista do ano *A toirada*, que fez escandaloso successo nas primeiras temporadas do Avenida.

V. N. C., Messines.—Quere que o esclareçamos sobre o emprêgo do «porque» e do por que?

Respondemos com um exemplo:

«—Por que caminho vais?»

«—Vou pelo mais comprido, porque é menos em declive, e porque estou cansado e porque não tenho pressa de chegar a casa. Por que motivo me perguntas isso?»

A prosa não é um modelo literário, com essa repetição da palavra *porque*, mas que entrou nela propositadamente para o esclarecermos.

Para se orientar, dir-lhe-emos mais que deve empregar o *por que*, sempre que isso equivalha a *por qual*, (ou *quais*) como: *por que caminho (por qual caminho)*, *por que motivo (por qual motivo)*; e empregar *porque*, quando causal.

F. S. F., Lisboa.—O nosso distinto colaborador Afonso de Castro, de Vila Real, cede pela quantia de 200\$00 os dois primeiros volumes da «Grande En-

ciclopédia Portuguesa e Brasileira», um dos quais está encadernado.

Também o sr. Luís Teixeira Belas, rua Andrade, 46, cave, Lisboa, vende, pela quantia de 200\$00 os vinte primeiros fascículos daquela enciclopédia.

M. F. R., Lages do Pico.—Ferreira de Castro, publicou, até hoje, os seguintes livros: «Mas...», «Carne Faminta», «A Casa dos Móveis Doirados», «A Epopeia do Trabalho», «Lendas de Lirismo e Amor», «A Bôca da Esfinge» (6\$00); «A Selva», «Emigrantes», «Terra Fria» (10\$00); «O Êxito fácil» (8\$00) e «Eternidade» (12\$00).

Tudo leva a crer que os «Sermões da Montanha» não sejam reeditados em breve. Quanto a obter algum exemplar em segunda mão, aguardamos comunicação de algum leitor nosso amigo.

A. E., Lugar do Passadizo.—A frase «ganhar para os seus alfinetes» aplicada às despesas da indumentária feminina teve, noutros tempos, razão de ser.

Vem da época em que as senhoras precisavam de muitos alfinetes para as suas «toilettes» e os alfinetes eram caros. Hoje, as senhoras já não consomem tantos alfinetes e estes saem, como é sabido, por um preço irrisório. A frase deixou, portanto, de corresponder à verdade, e de resto já está a entrar em desuso. Hoje, em regra, só é freqüentemente empregada por pessoas idosas.

Esclarecimentos.—Segundo o sr. C. A. N., de Coimbra, de Oscar Wilde há ainda as seguintes obras traduzidas em português:

Alma de homens. Tradução de A. B. S. Paulo, s. d.

Poemas em prosa. Trad. de Elísio de Carvalho, desenhos de Correia Dias. Rio de Janeiro. Bela edição, 1920.

A tragédia de minha vida. Rio de Janeiro, 1931.

De profundis. Trad. de Ferreira Martins, s. d.

Balada do cárcere de Beading. Tradução de Gondim da Fonseca. Faz parte dos «Poemas da Angústia». Rio de Janeiro, 1931.

“Era
UMA ESPOSA
ABANDONADA”



“O meu Paulo que eu amava tanto e pai dos meus filhos afastava-se de mim. Raramente passava as noites em casa e, quando estava, era irascível e mostrava-me mau humor. Uma noite viu-o falar com outra mulher. Julguei que o meu coração se despedaçava. Logo que minha irmã nos veio visitar contei-lhe tudo. Ela deu-me um conselho maravilhoso. «Ginette, a maternidade e os trabalhos domésticos estragaram-te a cara, disse ela. «Nenhum homem gosta de ver a sua esposa enrugada, envelhecida e parecendo fatigada. Mas não desanimes porque conheço um meio rápido e fácil para te desembaraçares dessas rugas e tornar-te a pele clara, fresca e juvenil que fará de ti uma casada sedutora.» Ela revelou-me então o seu segredo que consiste em empregar todas as noites, antes do deitar, o Creme Tokalon. Cór de Rosa. Tendo-o empregado fiquei surpreendida com a mudança que ele operou na minha pele. Em algumas semanas as minhas rugas desapareceram e fiquei com o aspecto de rapariga. Agora, o meu Paulo, diz-me que me ama mais do que nunca.» O segredo do Creme Takalon, Alimento para a Pele, cór de Rosa, consiste em conter uma su-

Era ela—
a outra mulher

bstância rejuvenescedora e natural, chamada Biocel que se encontra na epiderme. Assim que a pele perde o seu Biocel natural as rugas formam-se; logo que se lhe restitui o Biocel elas desaparecem. O Biocel, agora obtido de animais novos, segundo a fórmula do Professor Dr. Karl Stejskal da Universidade de Viena, está contido no Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa. Em-
pregando-o à noite antes do deitar, toda a senhora pode desembaraçar-se das rugas, rejuvenescer uma pele envelhecida e estragada, e parecer 10 a 20 anos mais nova. O êxito é garantido, de contrário, restituímos o dinheiro do custo.



À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.



—Eh toiro!... Marra a direito, pá! Eh toiro!...

Ao sábado, se está na vila, espera o pai que há-de chegar de alforge vazio, a cavalo, firme na sela, moído de fadigas, mal comido para que em casa a codeca dura não falte aos filhos, e admira-lhe o garbo, o barrete a bailar e a jaqueta assolapada de remendos.

E mal adolece, quando os outros vão à escola a receber luz e andam pelas ruas e adros garotando, na bilharda, na choca, na bola, vestem-lhe calça afiamburada, jaqueta curta, barrete de borla grossa e vai para a campina soletrar as primeiras letras dêsse alfabeto complexo e duro que é a labuta do guardador. Distribuem-lhe montada e aí anda, dia e noite, dormindo